

06/13/98  
291 10

**AMAZÔNIA AMEAÇADA: Corte predatório e clandestino de árvores estimula o desperdício e contribui para aumentar a poluição**

Marcelo Sayo



UMA DAS CEM SERRARIAS de Alta Floresta, no Norte do Mato Grosso, queima restos inaproveitáveis de madeira em pleno perímetro urbano, produzindo rolos de fumaça capazes de prejudicar a população local e até mesmo a aviação

# Os caldeirões que transformam florestas em fumaça

Ao mesmo tempo em que dão emprego, serrarias e carvoarias tornam o ar irrespirável nos grandes pólos madeiros

Chico Otavio e Vannildo Mendes

● PARAGOMINAS (PA) e ALTA FLORESTA (MT). Uma névoa seca permanente paira no céu de Paragominas, o maior pólo madeiro da Amazônia, a 320 quilômetros de Belém do Pará. A cidade, uma das mais quentes do estado, arde com a fumaça produzida pelas mais de 200 serrarias e 600 carvoarias que a cercam. A atividade madeira emprega 80% da mão-de-obra — inclusive a de crianças e adolescentes.

São 238 as madeiras cadastradas — fora as clandestinas — trabalhando dia e noite. Na época mais seca do ano, entre julho e dezembro, a fumaça das serrarias e carvoarias junta-se à das queimadas, pondo até a aviação em risco. Os incêndios proliferam, seja para a renovação do pasto; para a preparação do solo para o plantio após a derrubada das árvores; ou pelo fogo espontâneo que surge no rastro das estradas abertas pelos tratores e que se alastra mata adentro.

Os índices de poluição chegam ao ponto de obrigar o prefeito Sidney Rosa, dono de madeira, a expulsar as carvoarias do perímetro urbano. Elas estão sendo transferidas para uma área particular, requisitada pela prefeitura em sistema de comodato por 12 anos, para abrigar seus fornos e aceiros (buracos cavados na terra para queimar a madeira que sobra das serrarias e transformá-la em carvão).

**Pólo madeiro começou com grandes projetos agrícolas**

Filha da abertura da Rodovia Belém-Brasília, no fim dos anos 60, Paragominas começou a ser colonizada pela "pata do boi", com a fixação de grandes projetos agropecuários. Desde então começaram a chegar os primeiros núcleos de camponeses, pela rodovia e pelos rios Capim e Gurupi, cujas margens foram as primeiras a serem devastadas.

Embora mais jovem, Alta Floresta (MT), a 800 quilômetros de Cuiabá, está indo pelo mesmo caminho. Fundada há 21 anos, a cidade — importante pólo madeiro do Mato Grosso — já pode ser identificada, durante uma viagem de avião, pelos rolos de fu-

maça produzidos pela queima de montanhas de serragem. Como Paragominas, a cidade nasceu da agricultura, viveu a febre do ouro e agora está entrando na atividade madeira. Há hoje cem serrarias instaladas em Alta Floresta. Outras 15 estão chegando. O pólo produz 18 mil metros cúbicos de madeira beneficiada por mês.

**Nem extração autorizada pelo Ibama evita desperdício**

Segundo o chefe do Serviço de Segurança do Trabalho e Saúde da Delegacia Regional do Trabalho do Pará, Paulo Afonso Monteiro, os problemas de saúde causados pela inalação de fumaça são inevitáveis a longo prazo. Entre eles, uma doença pulmonar chamada pneumoconiose. Os fiscais que periodicamente vistoriam as serrarias e carvoarias de Paragominas relatam que os trabalhadores se queixam de ardência nos olhos e, alguns, de dificuldade para respirar. Os moradores em geral sofrem frequentemente de infecção respiratória aguda, bronquite e infecções de pele.

O desperdício é outro fator que contribui para a poluição. Como 80% da madeira que alimenta as serrarias são de origem clandestina, extraídas de locais sem manejo (extração autorizada) nem técnicas apropriadas, de cada três árvores derrubadas uma é

**OPINIÃO**

### AUMENTA O APETITE

● UM PROBLEMA com a gravidade e a extensão da derrubada indiscriminada e ilegal de árvores na Amazônia tem de ser produto de uma soma de causas.

MAS UMA delas, a falta de recursos do Ibama, é especialmente sintomática. O orçamento do instituto está em queda há cinco anos, e foi nesse período que se intensificou a presença de madeiras asiáticas na região. É pior do que estar per-

dendo a guerra contra o mercado negro: o Ibama está sendo forçado a abandonar o campo de batalha.

ISSO AUMENTA o número e o apetite dos financiadores da devastação das florestas. É o próprio Diário Oficial, com os números do Orçamento da União, que lhes fornece a notícia do decrescente empenho oficial na proteção do patrimônio natural do país.

esquecida na mata porque o trator não a encontra, já que não é feito o mapeamento prévio da área explorada.

Mesmo em áreas de manejo, há casos flagrantes de desperdício. Por um simples erro de cálculo, o operador de motosserra Arnaldo Soares de Oliveira causou um estrago imenso numa área explorada pela Madeira Rosa, de propriedade do prefeito. Uma maçaranduba de 30 metros de altura e 40 centímetros de diâmetro tombo para o lado errado, onde os cipós não estavam podados, levando com ela cerca de 25 espé-

cie. A árvore sofreu rachaduras e seu aproveitamento na serraria ficou prejudicado. Arnaldo, de 47 anos, tem mais de 20 de profissão e se orgulha de já ter atingido a marca de 25 a 30 árvores derrubadas por dia.

— Já estou calejado de tanto derrubar árvore. Só sei fazer isso. Aprendi a não ficar com peso na consciência. Às vezes me dá uma dor no peito, mas lembro que tenho uma família para sustentar e esqueço — diz.

O administrador da madeireira, o pastor evangélico Ricardo Gonçalves Gripp, também não

sente remorso ao ver uma maçaranduba tombar:

— Sou um pastor, defendo valores éticos, mas aprendi a não ter pudores com certas coisas, como ficar abalado com a derrubada de uma árvore.

A acumulação de atividades tão distintas tampouco o incomoda:

— Lá na igreja eu rezo pedindo emprego para os fiéis. Aqui eu demito. Procuo não misturar as coisas — diz o pastor, no pátio da madeireira.

**De cada 10 metros cúbicos de toras, só 4 são aproveitados**

Nas serrarias de Paragominas, o desperdício continua. De cada dez metros cúbicos de toras processadas, seis são desperdiçados e apenas quatro viram lâminas comercializáveis. A imensa quantidade de pó de serra é queimada. Em quase todo mundo, esse material é transformado em pelotas de carvão, agregando valor.

Como a devastação das reservas florestais avança cerca de dez quilômetros por ano mata adentro, a partir das rodovias, e outros dez quilômetros a partir das estradas secundárias, as empresas estão extraindo madeira a 150 quilômetros de distância, o que eleva os custos da produção e faz o pólo de Paragominas perder gradualmente competitividade dentro e fora do país. A madeira

tropical produzida pela Malásia — o maior produtor mundial — custa 20% menos em média. Para a alegria dos ambientalistas, a produção de Paragominas começou a cair este ano, mas as consequências estão longe de deixar de ser nefastas. Só a Madeireira Rosa demitiu cem dos 600 empregados em fevereiro. Em todo o município foram demitidos mais de 500 trabalhadores desde o ano passado. O salário de quem ficou também está deteriorado e as condições de trabalho pioraram.

O Pará tem 15 pólos madeiros, envolvendo duas mil serrarias. Mas os três principais — Paragominas, Marabá e Tailândia, todos no Leste do estado — concentram mais da metade da produção. A cobertura florestal original envolve hoje apenas 70% do estado devido ao avanço do desmatamento. Dos 600 mil quilômetros quadrados devastados na Amazônia, mais de 50% estão em território paraense, o menos protegido por legislação. As exportações de laminados de madeira somaram US\$ 400 milhões em 97, segundo levantamento da Associação dos Exportadores de Madeira do Pará (Aimex). O setor emprega 200 mil trabalhadores diretos e indiretos no estado e movimentou uma economia de R\$ 1,6 bilhão por ano, quase 90% dentro do país.

Preocupado com a extinção crescente da matéria-prima das serrarias, o prefeito de Paragominas encampou um projeto voltado para a exploração sustentável do que restou de floresta e a recuperação de espaços degradados. O projeto tem um viveiro que já começou a produzir um milhão de mudas de madeira de lei e de árvores frutíferas por ano para reflorestamento. Certo, porém, de que boa parte da área devastada é irreversível. Sidney Rosa está introduzindo a cultura da soja, que pode significar, de um lado, o progresso econômico e, de outro, a mais grave ameaça ao ecossistema da região. Com esse projeto o prefeito espera alavancar um novo modelo de desenvolvimento para a cidade.

— A idéia é sair do extrativismo para a diversificação econômica, deixando a madeira num plano secundário — diz Rosa. ■

## Pesadelos urbanos no interior do Amazonas

Guerra de 'galeras' e desemprego atormentam a população de Itacoatiara

● ITACOATIARA (AM). A poluição não é o único mal urbano que atormenta as populações dos grandes pólos madeiros da Amazônia. Em Itacoatiara, município de 65 mil habitantes e o principal pólo madeiro do Amazonas, a 270 quilômetros de Manaus, o maior problema hoje é a violência de gangues, impelida pelo desemprego. Desde que a fiscalização do Ibama começou a apertar as serrarias da cidade, que abasteciam seus pátios com madeiras extraídas clandestinamente da floresta, a produção de laminados e compensados começou a cair. Com ela, caiu a taxa de empregos. A presidente do Sindicato dos Trabalhadores das Empresas Madeiras, Maria Eneida Rodrigues Maia, contabiliza 60 demissões em janeiro deste ano, 10% dos sindicalizados.

O clima de cidade do interior foi quebrado pela guerra de "galeras": bandos de jovens sem ocupação se encontram nos fins de semana para brigar. Por esse motivo, a chegada de madeiras asiáticas, mesmo com os danos que possam causar na floresta, é bem-

vinda. Significam a perspectiva de mais emprego.

Fernando Lüdke, gerente florestal da maior empresa de compensados de Itacoatiara, a Gethal Amazonas, se queixa do Ibama, que estaria tratando os empresários como marginais. Segundo ele, o faturamento da empresa, em torno de R\$ 20 milhões, deve cair este ano para R\$ 15 milhões por falta de matéria-prima, o que deverá provocar mais desemprego na Gethal. Somente no ano passado a empresa demitiu 500 empregados.

O delegado de Itacoatiara, tenente Ayrton Norte, conta que a carceragem está lotada com 33 presos, 12 deles por tráfico de drogas e dois por homicídio. No mês passado um rapaz de 17 anos teve a mão decepada durante uma briga de "galeras".

— Eles usam facões e terçados. Fecham as ruas e agridem as pessoas gratuitamente — diz o delegado, que mobiliza até 70 policiais nos fins de semana, pedindo reforço a outras delegacias da região, para evitar novos confrontos.